



Ibbur

Juliano Klevanskis Candido*

Belo Horizonte, Brasil

literatices@yahoo.com.br

Crescei e multiplicai-vos.
(Gênesis 1:28)

Mistério é palavra obviamente vaga, pois sempre há mistério em algum lugar.

Certo dia, numa quarta-feira, encontrava-me parado no escritório, com os botões da blusa abertos, a mão no teclado à espera de que a inspiração despontasse de algum lugar, permitindo-me escrever um conto novo. Nada me ocorria. Então, resolvi escrever um poema para minha esposa. E, enquanto escrevia linhas introdutórias, senti algo estranho em minha cabeça, em meu corpo, e uma voz longínqua em uma espécie de sotaque iídiche começou a se manifestar.

Um *ibbur* ocupou o meu corpo. Ele me contou que vivera no século XX, mas voltou para concluir a última tarefa, que só poderia ser realizada na carne. No caso, a minha. Para aqueles que não acreditarem neste relato, há uma enormidade de coisas que eu poderia contar e que somente um *ibbur* poderia saber. Ele me disse que em vida tentara cumprir todos os mandamentos da religião judaica, mas que, ao chegar ao céu, descobriu que descumpria um deles.

Ele, assim, explicou-me:

— Há duas tradições no judaísmo, a de Bet Hillel e a de Bet Shammai, fundadas, respectivamente, pelos sábios Hillel e Shammai. Lá, no céu, descobri que estão errados os que optam pela tradição de Shammai. Segundo esse, um homem deve ter dois filhos; mas, segundo Hillel, um filho e uma filha, porque está escrito “macho e fêmea Ele criou”. Eu tive dois filhos homens e nenhuma filha. Descumpri o mandamento religioso.

O *ibbur* me contou que conhecera a esposa em um casamento arranjado pela casamenteira da comunidade onde moravam, de acordo com o costume judaico. E em três meses se casaram. Para toda a humanidade, a morte é o fim da vida; para ele, a morte é o meio para se alcançar uma finalidade. Então, ele decidiu participar da relação sexual entre mim e minha esposa. Disse ainda que fecharia os olhos, respeitando nossa privacidade. Eu recusei, mas ele não era apenas insistente: insistia de dentro do meu

* Professor, Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.



corpo. Sempre em seu sotaque iídiche. E esse foi um dos incômodos que tive. O *ibbur* tivera, em vida, o costume de fumar cigarros. Ele me implorou, exigiu, que eu desse algumas tragadas. Tentei argumentar que, primeiro, eu não fumo, segundo, tenho sinusite. Em vão: o eco em minha cabeça era tão longo, que cedi. Esse foi o segundo incômodo. E ele não demorou muito a exigir outra tragada. No princípio, minha esposa pensou que eu estivesse assobiando ou falando comigo mesmo. Não ousei contar que abrigava um *ibbur*. E pior: um *ibbur* cuja missão era participar da nossa relação sexual. Aqueles foram dias difíceis! Por outro lado, qualquer dúvida que eu tivesse sobre judaísmo o *ibbur* a eliminava, recheando minha cabeça de citações rabínicas.

Decidi agir. Pesquisei na internet e encontrei um bom argumento: disse à minha mulher que interromperíamos as relações sexuais por uns dias, pois consta no Talmude que um casal pode se abster das relações por até trinta dias se o intuito for o de estudar Torá. Ela estranhou, é claro, principalmente após escutar o trecho de onde extraí o argumento: “obrigação marital diária para os desocupados; duas vezes por semana para os trabalhadores, uma vez por semana para os que conduzem onagros; uma vez a cada trinta dias para os que dirigem camelos, e uma a cada seis meses para os marinheiros”. Com isso, eu a confundiria e ganharia tempo, até que o intruso fosse embora.

Resolvi, então, num dia claro, contar ao *ibbur* a nossa história.

Há alguns anos, conheci Dvoire. Ela era uma jovem médica; eu, um jovem poeta. Dvoire, com seus cabelos ruivos cacheados, parecia-se com Afrodite! Exatamente igual a Vênus! Uma deusa saída da mitologia grega ou da romana! Bela, meiga e inteligente! A vida lhe confiou o dom da cura. Tinha a pele branca como o mármore. Exalava mais perfume do que as flores de todos os jardins juntos. O olhar era tão límpido! Seus olhos, como duas pombas a voar no céu, faziam-me sentir tão bem e tão confortável! Seus lábios eram dois portais mágicos e vermelhos. Sua boca não emitia palavras, produzia mel... Ela era educada e seus gestos eram dignos de uma deusa. Em sua presença, todo ser se alegraria, qualquer olho se encantaria. A primeira troca de olhar com ela, inevitavelmente, animou o meu coração; com a respiração ofegante, meu coração pulsou mais forte. Sua beleza era pura e límpida como a neve. Ao me aproximar dela, meu corpo se aqueceu como um vulcão. Sua presença encheu páginas de poemas a retratar inspiradas paisagens com pássaros, borboletas, flores e exóticas frutas. Eu renasci, pois ela despertou em mim um poeta. E os meus poemas também produziram nela um novo sentimento! Nascidos de tremenda inspiração, meus poemas a conquistaram! O amor brotou em nossos corações: mais forte do que a morte, mais brilhante do que as estrelas! E nosso amor era eterno. O próprio mundo poderia se extinguir pela ação humana, mas nenhuma catástrofe era capaz de assolar o nosso amor.



Assim que terminei, vi o *ibbur* se elevar. Sobre sua cabeça havia uma coroa simples. O semblante era generoso e angelical. Eu me senti um pouco zozzo e, sem saber o que aconteceu nesse ínterim, acordei nos braços de minha Dvoire. Sua mão acariciava-me o rosto. Eu a beijei e a amei, livre de empecilhos, pois o nosso amor era maior do que qualquer interferência.

Meses depois, nasceu nossa primeira filha.

Enviado em: 10/09/2025

Aprovado em: 30/10/2025